

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**YANDRA SUYANE FONTINELES MELO**

**AUTORRETRATO E O OLHAR DE SI**

**BRASÍLIA - 2022**

**YANDRA SUYANE FONTINELES MELO**

**AUTORRETRATO E O OLHAR DE SI**

**Trabalho de Conclusão do Curso de  
Licenciatura em Artes Visuais do  
Departamento de Artes Visuais – Instituto  
de Artes da Universidade Brasília.**

**Orientação do Prof. Luiz Carlos Pinheiro  
Ferreira**


**BRASÍLIA – 2022**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**Yandra Suyane Fontineles Melo**

**AUTORRETRATO E O OLHAR DE SI**

Banca Examinadora



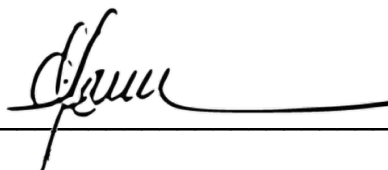
---

Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira – Orientador e Presidente da Banca.  
Departamento de Artes Visuais – Universidade de Brasília



---

Professora Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta  
Departamento de Artes Visuais – Universidade de Brasília



---

Professora Dra. Denise Conceição Ferraz de Camargo  
Departamento de Artes Visuais – Universidade de Brasília

## **Agradecimentos**

Agradeço ao meu orientador Luiz Carlos Pinheiro Ferreira, por todo o acompanhamento desde o meu projeto de pesquisa em 2019. Agradeço pela paciência e por todo suporte fornecido nessa jornada.

Ao meu pai, pelo apoio que me ofereceu em todo meu processo de formação e por ter me dado de presente um ventilador de qualidade para sobreviver ao calor durante o percurso desta pesquisa.

Agradeço à pequena Yandra por ter me trazido até aqui. Agradeço por sua teimosia e sua incapacidade de desistir em meio às dificuldades.

Em agradecimento especial ao Spock pela companhia nas madrugadas.

## Lista de figuras

**FIGURA 1 - Albrecht Dürer, Autorretrato com peles, 1500, óleo sobre tela, 67 x 49 cm. Pinacoteca de Munique, Alemanha.** <Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/albrecht-durer/self-portrait-at-the-age-of-twenty-eight-1500>. Acesso em: 22 de abril de 2019>

**FIGURA 2 - Rembrandt, Autorretrato como rapaz, 1629, óleo sobre tela, 15,2 x 12,7 cm. Pinacoteca de Munique, Alemanha.** <Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rembrandt/self-portrait-at-an-early-age-1629>. Acesso em: 07 de março de 2022>

**FIGURA 3 - Rembrandt, Autorretrato, 1659, óleo sobre tela, 68 x 56 cm. Staatsgalerie Stuttgart, Alemanha.** <Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rembrandt/self-portrait-1659>. Acesso em: 07 de março de 2022>

**FIGURA 4 - Francis Bacon, Autorretrato, 1973, óleo sobre tela, 34,3 x 29,2 cm.** <Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/francis-bacon/self-portrait-1973>. Acesso em: 09 de março de 2022>

**FIGURA 5 - Albrecht Dürer, Nude Self-portrait, 1503-1505, tinta de caneta sobre papel.** <Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/albrecht-durer/nude-self-portrait-1505>. Acesso em: 9 de março de 2022>

**FIGURA 6 - Vincent Van Gogh, Autorretrato, 1889, óleo sobre tela, 65 x 54 cm.** <Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/vincent-van-gogh/self-portrait-1889-1>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2022>

**FIGURA 7 - Johannes Gump, Triple portrait, 1646, óleo sobre tela.** <Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Johannes-Gump/187627/Auto-Retrato,-1646.html>. Acesso em: 22 de março de 2022>

**FIGURA 8 - Egon Schiele, Os Self-Seers II (Morte e Homem), 1911, óleo sobre tela, 80 x 80 cm.** <Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/egon-schiele/the-self-seers-death-and-man-1911>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022>

**FIGURA 9 - Sem título, 2019, colagem sobre papel, 21 x 29,7 cm.** Foto de autoria própria.

**FIGURA 10 - Sem título, 2019, grafite sobre papel, 21 x 29,7 cm.** Foto de autoria própria.

**FIGURA 11 - Sem título, 2019, colagem sobre papel, 21 x 29,7 cm.** Foto de autoria própria.

**FIGURA 12 - Sem título, 2019, grafite e colagem sobre papel, 21 x 29,7 cm.**  
Foto de autoria própria.

**FIGURA 13 - Sem título, 2019, grafite e lápis de cor sobre papel, 21 x 29,7 cm.** Foto de autoria própria.

**FIGURA 14 - Sem título, 2019, colagem e nanquim sobre papel, 21 x 29,7 cm.**  
Foto de autoria própria.

**FIGURA 15 - Frida Kahlo, Autorretrato com Bonito, 1941, óleo sobre tela, 55 x 43,4 cm.** <Disponível em: <https://pt.wahooart.com/a55a04/w.nsf/O/BRUE-8CEFHL>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2022>

**FIGURA 16 - Frida Kahlo, O Veado Ferido, 1946, óleo sobre masonita, 22,4 x 30 cm.** <Disponível em: <https://www.fridakahlo.org/the-wounded-deer.jsp>. Acesso em: 4 de março de 2022>

**FIGURA 17 - Grayson Perry, A Map Of Days, 2013, gravura a água forte, 109 x 151,5 cm.** <Disponível em: <https://www.royalacademy.org.uk/art-artists/work-of-art/a-map-of-days>. Acesso em: 23 de março de 2022>

**FIGURA 18 - Edvard Munch, Autorretrato após a gripe espanhola, 1919, óleo sobre tela, 150.5 x 131 cm.** <Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/edvard-munch/self-portrait-after-spanish-influenza-1919>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022>

**FIGURA 19 - Egon Schiele, A família, 1918, óleo sobre tela, 152 x 162.5 cm.** <Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/egon-schiele/the-family-1918>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2022>

**FIGURA 20 - Yandra Suyane, Autorretrato com máscara, 2019, técnica mista sobre papel, 85 x 69 cm.** Acervo pessoal.

**FIGURA 21 - Yandra Suyane, Social 4/4, 2021, guache sobre papel, 21 x 15 cm.** Acervo pessoal.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso aborda reflexões acerca do autorretrato e do olhar de si, pensando sobre os caminhos do autorretrato na história da arte e seus desdobramentos na autorrepresentação do sujeito. No primeiro momento, através de uma pesquisa teórico-reflexiva, apresentamos os desdobramentos do autorretrato como um subgênero que se estende para além de apenas representações imagéticas realistas do rosto do artista. No segundo momento, destacamos o desenvolvimento da pesquisa qualitativa-reflexiva realizada durante a Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas, na escola Centro de Ensino Fundamental Polivalente, em Brasília, onde foram realizados autorretratos com os alunos do 8º ano, ponderando como a subjetividade do sujeito se apresenta em suas autorrepresentações e como esta pode ser entendida dentro do subgênero do autorretrato. Nesse caminho, foram apontadas reflexões sobre os resultados a partir de obras já conceituadas dentro da história da arte. No terceiro momento, a pesquisa voltou-se para a situação atual do mundo e de suas implicações sobre o olhar de si e o autorretrato a partir do isolamento social e da pandemia, considerando como a mudança brusca da realidade impacta nossa autorrepresentação. Para isso, ressaltamos exemplos de obras de artistas renomados e também de experiência empírica de autorretratos pessoais. Assim, a pesquisa salientou como as questões internas, vinculadas com o íntimo do sujeito, podem ser expressadas por meio de autorretratos, auxiliando nos processos de entendimento de si e do mundo que nos cerca.

Palavras-chave: Autorretrato; Olhar de si; Estágio; Isolamento; Pandemia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>I - AUTORRETRATO .....</b>	<b>11</b>
1.1 Apontamentos históricos .....	11
1.2 A representação do sujeito .....	20
1.3 O olhar e a busca de si .....	24
<b>II EXPERIMENTAÇÃO EM SALA DE AULA .....</b>	<b>30</b>
2.1 Apontamentos da formação do sujeito/aluno .....	30
2.2 O caminho percorrido .....	32
2.3 Os trabalhos coletados .....	33
2.4. Reflexões sobre o resultado da experimentação ...	40
<b>III ATUALIZAÇÕES .....</b>	<b>47</b>
3.1 Isolamento, pandemia e autorretrato .....	47
3.2 Visões futuras .....	56
<b>Considerações finais .....</b>	<b>57</b>
<b>Referências .....</b>	<b>59</b>



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte de reflexões acerca do autorretrato, suas nuances, desdobramentos e causalidades. Sendo um subgênero que utilizo com frequência em meus trabalhos, o autorretrato surge como uma resposta ao sujeito que busca a si mesmo. Não apenas como um elemento de treino técnico ou uma forma de autocontemplar sua própria imagem, mas como um estudo dos diversos enigmas que construímos sobre a percepção que temos de nós mesmos. Pensar sobre si, através de si e para si, assim como, autorretratar-se vai além do narcisismo, da autocontemplação por ego. Acredito que, encarar a si mesmo pode ser desafiador e desconfortável, o olhar de si surge na busca pelo reconhecimento da fragilidade humana e para auxiliar a compreendermos quem somos, qual espaço ocupamos e como sustentamos o “eu”.

Autorrepresentar-se configura a autoafirmação do sujeito sobre si mesmo. Convivemos com nós mesmos por toda vida e, ainda assim, encontramos dificuldades para lidar com nossas questões internas. O autorretrato serve, não como uma solução, mas como um respiro, uma relação imagética que estabelecemos para exercer um olhar diferenciado sobre o “eu”. Possibilita observar a si mesmo sob uma nova perspectiva, traduzida em uma composição artística onde questões novas podem vir a surgir.

Dentro desse âmbito, apresento reflexões a partir de uma abordagem realizada na Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas, ministrada pela Professora Ana Paula Aparecida Caixeta, em 2019. O estágio foi realizado na escola Centro de Ensino Fundamental Polivalente compreendendo o período desta pesquisa. A abordagem consistiu em realizar autorretratos em sala de aula para que os alunos pudessem treinar seu olhar de si e pensar sobre si sob uma nova ótica. Compreender a si mesmo é um exercício constante que não se mantém limitado por apenas uma fase do desenvolvimento humano, mas para todos os estágios da vida humana. A adolescência é um período de construção de identidade. Os corpos dos jovens estão em constante ebulição de sentimentos

e pensamentos que devem ser incentivados a serem trabalhados e expressados. Então, como possibilitar aos alunos o reconhecimento de si mesmos a partir da prática/experimentação artística com autorretratos?

Foi planejado uma experimentação em sala de aula, com o objetivo de incentivar aos alunos uma reflexão acerca de si mesmos, ou seja, de que modo estes sujeitos pensem ativamente sobre sua identidade e, conseqüentemente, sejam instigados a um processo de autoconhecimento. Ao provocar tal pensamento, minha metodologia consistiu na aplicação de uma atividade de autorretrato enfatizando que este seja produzido de maneira que os alunos se identifiquem com seus desenhos além do aspecto visual, considerando o que eles pensam de si mesmos e da maneira como se identificam como sujeitos.

No primeiro capítulo, é abordado o gênero do autorretrato. Sua trajetória na história da humanidade e suas implicações; a autorrepresentação e o olhar de si, desdobrando os espaços onde o sujeito se observa e se replica. Observando como a externalização do “eu” se forma seguindo exemplos teóricos e de obras de outros artistas. No segundo capítulo é apresentada a pesquisa em sala de aula, ou seja, como o processo da formação da identidade dos alunos se desenvolveu e como ela foi observada em seus trabalhos, realizando uma reflexão sobre o exercício e seus resultados, utilizando obras de outros artistas para produzir reflexões que conversassem com os trabalhos dos alunos. No terceiro capítulo, é realizado uma breve atualização sobre a pandemia pela COVID-19 e como as questões do gênero do autorretrato conversam com o panorama atual. Apresentando reflexões sobre como o sujeito se modifica quando a realidade também se modifica e em como o gênero do autorretrato pode conversar com as novas inquietações do mundo e de nós mesmos.

## I - AUTORRETRATO

### 1.1 Apontamentos históricos

O retrato consiste na representação de uma ou mais pessoas. Durante a trajetória da história da arte, o retrato foi produzido em diversas formas - máscaras, bustos, fotografias, gravuras, desenhos, esculturas, etc. -, dentre todas, o meio mais comum é a pintura. Este processo de produção evoluiu historicamente de acordo com a motivação social, política ou meramente estética em questão (BENEVIDES, 2016).

Apesar da retratação do sujeito ser algo que possui evidência desde o Egito Antigo seguido das civilizações gregas e romanas, o retrato começa a tomar forma no século XV quando a natureza da pintura de cunho narrativo e/ou alegórico, focado no cunho religioso já não mais possui seu potencial influência. O retrato então é consolidado como um gênero autônomo no século XVI impulsionado pela Reforma Protestante, pois, de acordo com Ligia Maria Rocha Benevides (2016, p. 15-16),

Assim é que, no sul da Europa e nas regiões reconquistadas pela Contrarreforma, prevalecem as pinturas de caráter histórico e religioso. Já naquelas cerceadas pela Reforma, em que a presença de quadros ou imagens de santos nas igrejas era considerada sinal de idolatria, a perda da substancial fonte de renda representada pela pintura de retábulos implicou o compulsório - quiçá indesejado - reposicionamento do foco dos artistas para o retrato, a natureza morta e a pintura de gênero.

Benevides (2016) ao comentar a importância do retrato que se dissemina na época, cita o trabalho do historiador Peter Burke (1937) sobre o Renascimento, que menciona a tomada de consciência do homem como “individualismo renascentista”, que se desprende do coletivo medieval e ao dar este salto se reconhece como o centro de suas preocupações. Ainda que exista este ponto de vista inovador acerca do Renascimento, o autor ainda traz um

contraponto sobre os cavaleiros medievais que já traziam em seu cerne suas motivações de fama. Benevides completa:

[...] podemos enxergar esse mesmo desejo de fama ao lembrar as inscrições dos artesãos da Antiguidade em suas obras: 'Eu ...(nome)... fiz isto'. Daqui, concluímos pela indistinção de 'quem' e 'quando': a necessidade de autoafirmação parece constituir parte da essência da arte, se não da natureza humana (BENEVIDES, 2016, p.18).

De fato, a necessidade de autoafirmação é evidenciada de diversas formas ao longo da história da humanidade, mas partindo da ideia histórica que esta consciência individual se torna mais evidente e intensificada a partir do Renascimento, quando o teocentrismo perde sua força e o ideal de humanismo toma forma, surge junto com as inúmeras mudanças na arte, a produção acentuada de autorretratos.

Apesar de haver, pontualmente, registros de autorretratos antecessores a este período, Albrecht Dürer é reconhecido como o primeiro artista a realizar uma série de autorretratos.

“O maior gravador de seu tempo, Dürer se mostra fascinado com a autoimagem, tendo produzido seu primeiro autorretrato ainda na adolescência em 1484” (PINHEIRO, 2014, p. 14). Dürer utilizava suas habilidades técnicas para se representar de maneira sofisticada, se mostrando uma figura imponente e respeitosa. Ele pintava a si mesmo da mesma maneira que os artistas pintavam os retratos de seus patronos. Seus autorretratos se caracterizam do nobre até o divino. Na figura 1 vemos um autorretrato de Dürer onde o artista representa a si mesmo como uma figura religiosa.



Figura 1 - Albrecht Dürer, Autorretrato com peles, 1500, óleo sobre tela, 67 x 49 cm <Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/albrecht-durer/self-portrait-at-the-age-of-twenty-eight-1500>. Acesso em: 22 de abril de 2019>

“Embora Dürer seja considerado o primeiro artista a consistentemente criar autorretratos, Rembrandt é tido como o primeiro artista a realizar um estudo extenso de si mesmo através da arte” (PINHEIRO, 2014, p. 15). Nesse contexto, Gilberto Vançan (2003, p. 20) comenta sobre Rembrandt van Rijn:

Ele analisou suas próprias feições mais intensamente do que qualquer artista anterior e posterior e deu um testemunho extremamente sensível do que ele viu e pressentiu nelas. Em quase todos conserva um ar introvertido, ausente por vezes. Ao longo de toda sua carreira usou sua própria imagem para pesquisar métodos pictóricos e expressões psicológicas.

Seu acervo de autorretratos é sem dúvidas um dos mais vastos. Ao longo de 40 anos, Rembrandt fez pinturas, esboços e gravuras de si mesmo incansavelmente. Suas obras possuem um cunho autobiográfico notável. Diferente de Dürer, Rembrandt não busca se mostrar nobre e imponente, a composição de suas obras revela uma consciência de si, alguém que busca sua identidade. Mesmo que em alguns autorretratos ele esteja bem vestido, ele não possui um olhar grave, ao contrário, seus olhares e posturas vagueiam entre a serenidade, a concentração e a melancolia. Como mostra as figuras 2 e 3.



Figura 2 - Rembrandt, Autorretrato como rapaz, 1629, óleo sobre tela, 15,2 x 12,7 cm <Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rembrandt/self-portrait-at-an-early-age-1629>. Acesso em: 07 de março de 2022>



Figura 3 - Rembrandt, Autorretrato, 1659, óleo sobre tela, 68 x 56 cm <Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rembrandt/self-portrait-1659>. Acesso em: 07 de março de 2022>

Ainda que atualmente possamos identificar Dürer e Rembrandt como artistas pioneiros no gênero de autorretrato, em sua época, esta prática não era algo que possuía evidência. Permanecia em segundo plano como um gênero inferior.



[...] o autorretrato, tema tão recorrente na história da arte, apresenta-se de forma absolutamente secundária até o final do modernismo. Ele parece surgir de uma pausa do trabalho do artista, no esforço de produzir uma 'grande obra', como exercício, ou talvez da ausência compulsória do outro (PESSOA, 2006, p. 5).

Um respiro, uma pequena marca, uma assinatura. O autorretrato seria visto como um período de inércia do artista, onde ele aguarda para fazer algo mais significativo. De Da Vinci a Picasso, muitos artistas utilizaram-se desse subgênero, ainda que em raros momentos de sua produção. Ao longo do tempo o sentido dos autorretratos se transforma em mais que apenas semelhança física. Com o advento da fotografia, o autorretrato, e a arte de um modo geral, passa a buscar algo além da mimese imagética, já tão facilmente alcançada pela tecnologia. Os artistas contemporâneos direcionam seu olhar de si interior para produzir um autorretrato que vá além da semelhança física.

Diferentemente do autorretrato produzido ao longo da história, os artistas contemporâneos atribuem-lhe novos conceitos, novos sentidos, construindo-o não mais com a intenção de, simplesmente, copiar a sua aparência física, mas como forma de questionar sua identidade (RAUEN, MOMOLI, 2015, p.59).

Alguns artistas, nunca produziram um autorretrato em toda sua vida. O olhar para si pode ser desconfortável e mal recebido. Dessa forma existem artistas que abordam o tema como algo não desejável de se explorar. Gustav Klimt nunca utilizou esse subgênero. Em um dos poucos manuscritos dele que se tem registro, ele comenta:

Sei pintar e desenhar. Eu mesmo acredito, e outras pessoas dizem que também acreditam. Mas não tenho certeza se isso é verdade. [...] Não há autorretrato meu. Não estou interessado na minha própria pessoa como "motivo da pintura", mas nas outras pessoas, especialmente mulheres; embora eu esteja mais interessado em outros fenômenos. Estou convencido de que, como pessoa, não sou particularmente interessante. Não há nada de especial em mim. Eu sou um pintor que pinta dia após dia, de manhã à noite [...] Quem quiser saber algo sobre mim —como artista, que é a única coisa digna de atenção— deve olhar atentamente para as minhas pinturas e tentar descobrir com elas o que sou e o que quero.<sup>1</sup>

Francis Bacon utilizava-se dos autorretratos para realizar esta marca de si em meio ao seu trabalho. Se autorretratava pontualmente, porém não o fazia por um desejo primário, e sim como última opção. Em uma entrevista feita por David

<sup>1</sup> Fragmento traduzido livremente a partir da versão em espanhol do manuscrito original disponível no artigo EL ARCHIVO PERSONAL DE ARTISTA GUSTAV KLIMT: UNA APROXIMACIÓN A LAS TIPOLOGÍAS DOCUMENTALES de Odile León Sosa

Sylvester (1999, p.129), alega que a sua produção de autorretratos era uma maneira de não se manter parado quando não havia ninguém por perto para pintar. Ele diz:

É verdade, pintei muitos autorretratos, mas isso porque as pessoas andaram morrendo à minha volta como moscas e não tinha ninguém para pintar a não ser eu mesmo. Mas agora estou feliz por poder dizer que duas pessoas muito bonitas, que conheci no passado, reapareceram. São temas muito bons. Eu detesto a minha cara, e se faço autorretratos é porque não tenho mais ninguém para pintar. Contudo, agora, vou parar com os autorretratos.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Tradução livre feita a partir do livro Interviews with Francis Bacon de David Sylvester, que entrevistou o artista por um período de 1962 a 1986.

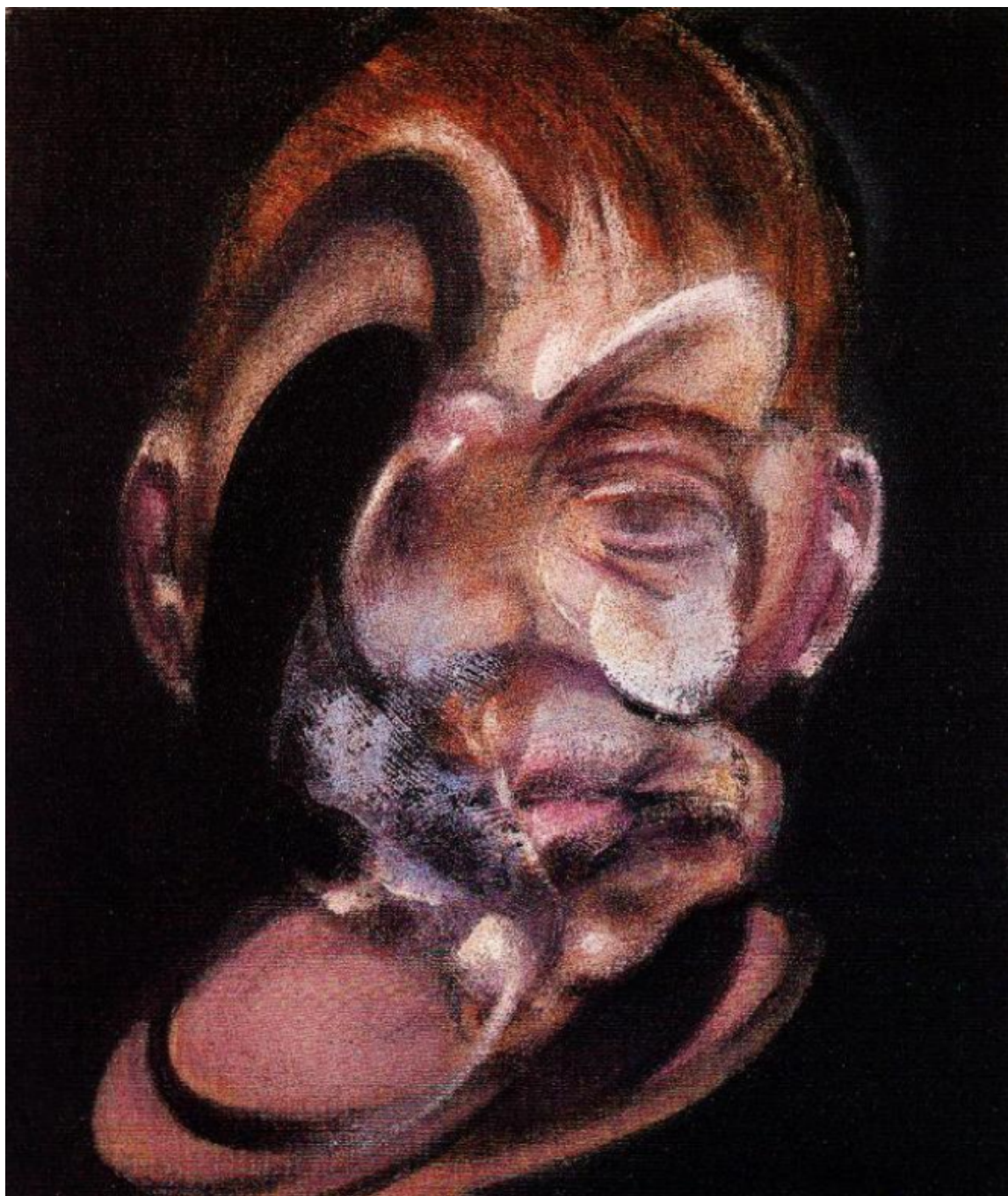


Figura 4 - Francis Bacon, Autorretrato, 1973, 1973, óleo sobre tela, 34,3 x 29,2 cm <Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/francis-bacon/self-portrait-1973>. Acesso em: 09 de março de 2022>

Francis Bacon mostrou-se para o mundo em autorretrato (Figura 4) porque precisava. Vanessa B. Bortulucce (2008) diz que este gênero, assim com a arte, é uma construção de uma visão de mundo: “não pode ser vista de maneira isolada, apartada da poética do artista e de suas relações com seu meio social” (BORTULUCCE, 2008, p. 88). Sendo assim, quando vemos um autorretrato de um artista vemos como ele se constrói (ou desconstrói) diante dos olhos dos outros e dele mesmo.

## 1.2 A representação do sujeito

O autorretrato, segundo Helena Gomes dos Reis Pessoa (2006), consiste em representar o que se imagina de si mesmo, o que se deseja ou se idealiza ser. Um discurso feito na primeira pessoa de uma autobiografia visual, ou seja, “o autorretrato é de certa forma uma afirmação de presença, ou melhor, um registro dela. É a memória de estar visível entre coisas visíveis. É a prova de estar incluído no mundo, e não isolado dele” (PESSOA, 2006, p. 1).

O autorretrato, porém, pode alternar seus objetivos dependendo do contexto ao qual o artista se encontra, sua motivação é o que impulsiona o seu simbolismo. Se o intuito é de pura representação visual e estética, em vista de um treino de técnica, há o cuidado de identificar o que faz parte de si fisicamente, e em como se reconhecer visualmente através do desenho/pintura.

Quando o autorretrato parte para uma representação identitária de cunho pessoal, visando representar o eu que constitui em personalidade, existe a pesquisa que circula dentro de si e faz o sujeito entender o que o faz ser ele mesmo. Em ambos os casos a análise de si mesmo é imprescindível. O sujeito volta para si todas as respostas de resolução de uma representação, buscando entender como seu corpo ocupa o espaço, seja físico ou social.

Gilberto Vançan (2003), em sua tese de mestrado, revela a sua transição do desenho de si mesmo como treino técnico para a necessidade de se autoafirmar e sobreviver.

[...] percebi que o pretexto de aprender a desenhar através da observação de minha imagem no espelho havia sido superado por um interesse maior sobre o tema propriamente dito. [...] Eu sondava o que poderia fazer a partir do tema, constatando que normalmente recorria a ele em períodos difíceis. De certo modo, o trabalho era um meio de autoafirmação e sobrevivência, alimentado por um forte desejo de criar imagens memoriais que me salvassem da angústia do anonimato e do desaparecimento (VANÇAN, 2003, p. 29-30).

Vançan em um primeiro momento, utilizou-se do autorretrato para reproduzir suas habilidades técnicas, desenhava a si mesmo de maneira realista prestando atenção em sua fisionomia, mas com o passar do tempo seus autorretratos buscam algo mais que apenas uma representação mimética de sua aparência.

Dürer, como vimos anteriormente, pintava-se da mesma maneira que pintava os retratos de suas encomendas, porém o seu último autorretrato, um desenho que é apresentado incompleto, o mostra de maneira diferente (Figura 5).

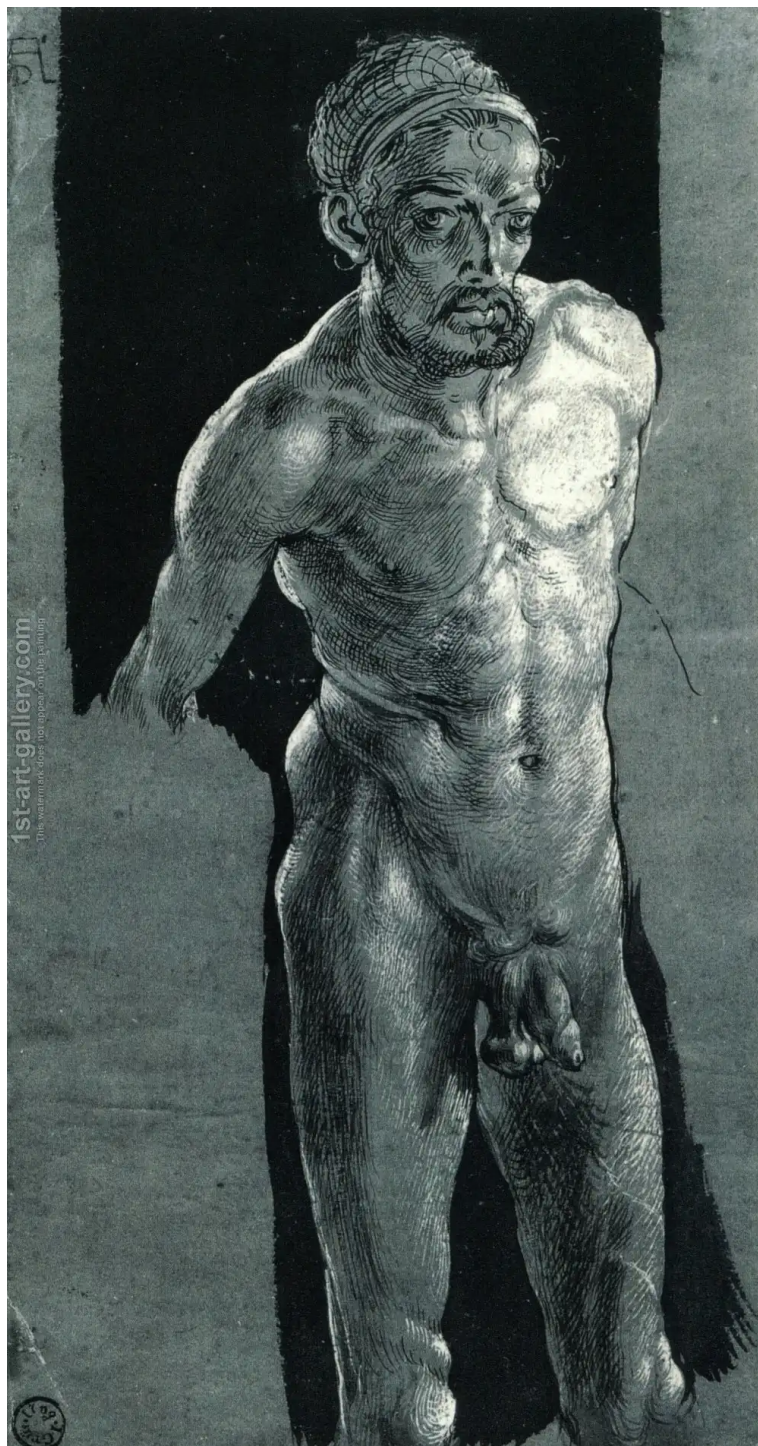


Figura 5, Albrecht Dürer, Nude Self-portrait, 1503-1505, tinta de caneta sobre papel <Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/albrecht-durer/nude-sel-portrait-1505>. Acesso em: 9 de março de 2022>

Seu último autorretrato conhecido o mostra despido da indumentária fina que vimos na figura 1; se exhibe incompleto, sem pudores, mostrando um olhar investigativo de si, introspectivo e íntimo; um olhar cuidadoso de si mesmo. Este trabalho, que pode se assemelhar aos diversos autorretratos de Rembrandt, nos mostra como o gênero serve para discussões do eu e do íntimo que ultrapassam a superfície de nossa aparência física.

Na contemporaneidade, o autorretrato vai além da representação física fiel, e se mantém mais focado no olhar cuidadoso sobre si. Roselene Maria Rauen e Daniel Bruno Momoli (2008, p. 58) em sua pesquisa dizem que: “nos autorretratos modernos, a representação da imagem não importa como objeto, mas como um ato, algo a ser comunicado”.

Van Gogh pintou a si mesmo diversas vezes. Seus autorretratos possuíam a característica de observar além da imagem como objeto. Comunicava um olhar diligente sobre si (Figura 6).

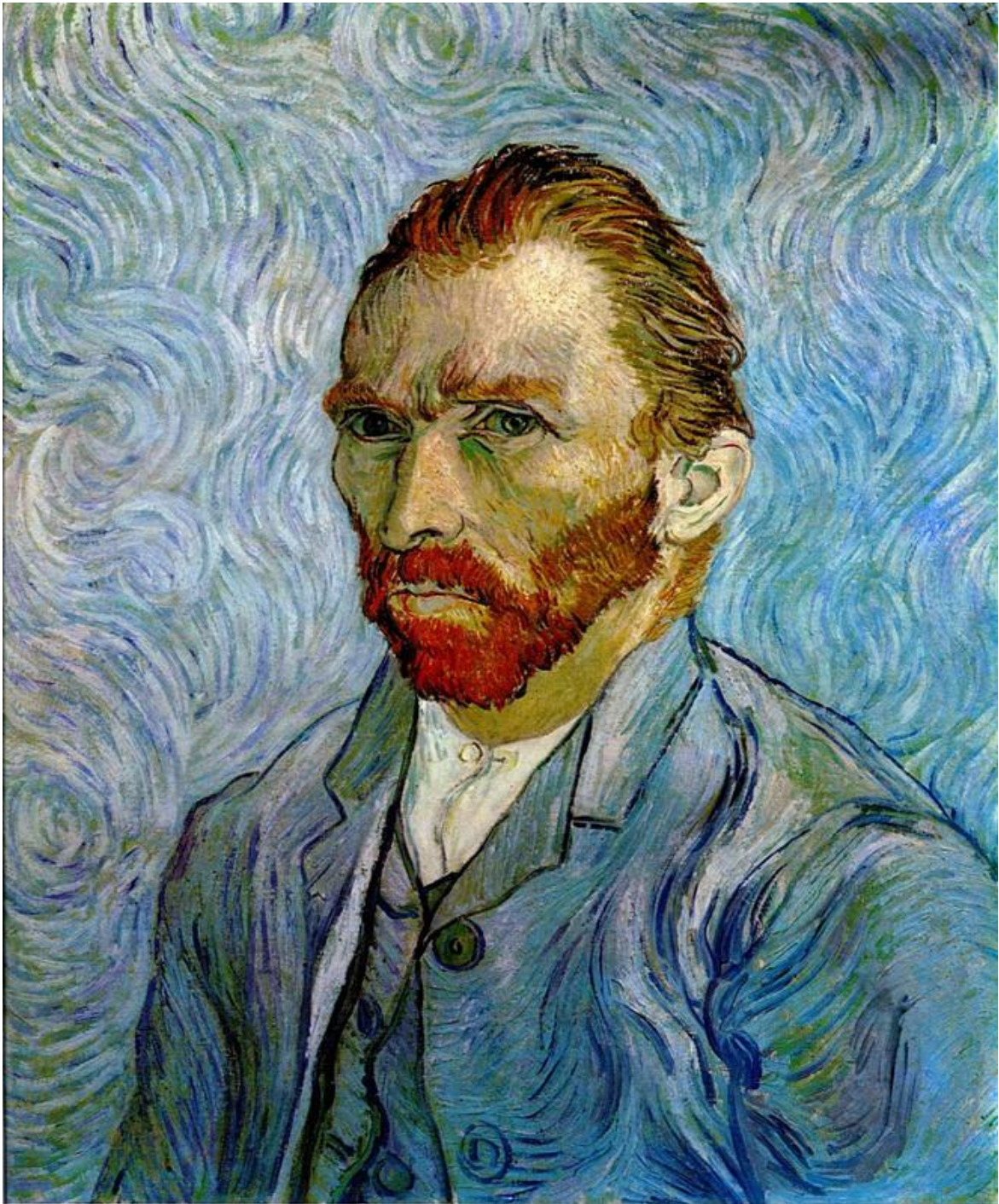


Figura 6, Vincent Van Gogh, Autorretrato, 1889, óleo sobre tela, 65 x 54 cm <Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/vincent-van-gogh/self-portrait-1889-1>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2022>

Na figura 6 podemos ver como Van Gogh apresenta a si mesmo não de maneira solene, exaltando a própria figura, mas seu olhar denuncia seu eu e suas perturbações. Sendo um homem que viveu uma vida cheia de inquietudes e tristezas, ele se expõe de maneira sincera, sua expressão evidencia questões do

seu íntimo. “Seus olhos vivos, ao mesmo tempo tímidos e ameaçadores, nos paralisam e nos fazem partícipes de sua agonia” (VANÇAN, 2003, p. 27).

### **1.3 O olhar e a busca de si**

A execução do autorretrato pressupõe o exercício do artista de se autoanalisar. O processo de voltar-se para si implica no sentido que buscamos atribuir ao que somos e fazemos. Neste exercício é possível identificar as individualidades que constituem o cerne de cada sujeito ainda que não compreendamos sua totalidade. Esta individualidade que evocamos como sujeito é trabalhada por um olhar artístico para compreender como emergir essa identidade ou a busca por ela.

Esmiuçar o que seria nossa identidade a fim de traduzi-la para a arte começa com o olhar de si. Annateresa Fabris (2009) comenta sobre o confronto ao espelho. Confrontar o espelho seria - no contexto do autorretrato - uma situação complexa para o artista, onde ele se vê em tempo real, mas questiona o que vê: “[...] a unidade do sujeito é colocada em crise pela cisão que se estabelece entre o reflexo e sua percepção” (FABRIS, 2009, p. 104).

Johannes Gump, foi um dos primeiros artistas a mostrar essa relação do espelho e do autorretrato (Figura 7).





Figura 7, Johannes Gump, Triple portrait, 1646 <Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Johannes-Gump/187627/Auto-Retrato,-1646.html>. Acesso em: 22 de março de 2022>

Em seu autorretrato, o artista observa o seu reflexo no espelho e pinta a si mesmo. Nesse processo ele está de costas para o observador, apesar da pintura se chamar Retrato Triplo, não vemos o seu terceiro rosto. O rosto oculto se analisa e se desdobra para se autocontemplar e reproduzir a si mesmo em outra superfície.

Egon Schiele também foi um artista que utilizava o espelho ativamente em suas obras, principalmente em seus autorretratos. Em O Self-Seers II (Morte e Homem) (Figura 8), Schiele apresenta uma figura que encara o espectador como se fosse um espelho.



Figura 8, Egon Schiele, The Self-Seers II (Death and Man), 1911, óleo sobre tela, 80 x 80 cm  
<Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/egon-schiele/the-self-seers-death-and-man-1911>.  
Acesso em: 14 de fevereiro de 2022>

O terceiro sujeito oculto é aquele que observa este espelho, contempla a si mesmo e a figura fantasmagórica que surge atrás de si representando a morte. Um “eu” do presente e um “eu” futuro. O artista e o espectador se transformam em uma só figura, unidos pelo espelho que a pintura ao mesmo tempo expõe e oculta.

Essas obras que conversam com o espelho são exemplos interessantes do olhar de si do artista. A autocontemplação evoca essa análise sobre si mesmo na perspectiva artística. Trabalhar com a própria identidade observando o espelho é compreender que o ser é efêmero. Rauen e Momoli (2015, p. 59) citam que:

[...] nosso rosto, assim como nossa identidade, está constantemente sofrendo mudanças. Mudanças relacionadas com a idade, com as emoções, com os fatores aos quais estamos expostos. Ou seja, naturalmente nos colocamos numa condição de estarmos sempre em processo de nos tornar alguém. Ao olharmos para o espelho pensamos ter captado nossas feições no reflexo, porém essas feições já se transformaram empurrando nosso “eu” para um futuro. Por isso, em alguns momentos, temos dificuldade de nos reconhecer.

Durante os estágios do desenvolvimento do ser humano passamos por momentos de construção biológica, psicológica, social; desenvolvemos responsabilidades e construímos valores. Como Rauen e Momoli (2015, p. 53), destacam: “o processo de encontrar sentido em nós mesmos nos acompanha em todas as fases de nossas vidas”. Nossa identidade evolui em um contexto social através de interações que fazemos à nossa volta. Mas ao iniciar a autorreflexão de si, em si, vamos além das nossas experiências empíricas. O eu é constituído não apenas da nossa relação com o mundo exterior, mas também com os elementos internos que não dependem de outrem e são de origens que desconhecemos na superfície.

Freud em *O Estranho* (1919), argumenta que o estranho não é algo completamente desconhecido por nós, mas algo que pode ser familiar, porém se mantém oculto e eventualmente é trazido à luz. A estranheza que sentimos ao lidar com nós mesmos reside neste espaço onde mesmo que pensamos nos conhecer, ainda há aspectos a serem trazidos à luz. Possuímos a familiaridade do nosso corpo físico e do ambiente que nos cerca, mas ainda há concepções ocultas que nos parecem estranhas ao explorarmos. Ainda que façamos uma reflexão sobre nós mesmos e todas as nossas individualidades e questões internas, não há como termos consciência de nossa totalidade. A identidade do sujeito não é, portanto, algo que se conclui, que se finda. Como citam Rauen e Momoli (2015, p. 60): “[...] o processo de construção da identidade é uma missão complexa, pois nunca estamos muito certos de quem somos realmente”. Assim, ainda que possamos identificar nossas individualidades e supor seus significados, nos deparamos com muitos aspectos de nós mesmos e não compreendemos as origens, portanto este tipo de exercício, voltar-se para si, pensar sobre si, em si mesmo é uma constante durante toda a vida.

No processo do autorretrato, a autoinvestigação faz o sujeito olhar para si através de um olhar sobre e para si mesmo. O exercício se torna infundável pela constante transformação que o sujeito experimenta ao longo da vida. “A ação de se autorretratar é suscetível de novas versões, não podemos falar de um ser inteiro, completo, acabado” (RAUEN; MOMOLI, 2015, p. 60).

Como o processo de autoconhecimento é algo constante durante a vida, se autorretratar também se torna algo contínuo, de acordo com o pensamento de Helena G. R. Pessoa (2006, p. 11) o eu que se manifesta nos autorretratos constitui apenas uma parte,

Como num pequeno caleidoscópio, reproduzido em diversos fragmentos móveis de vidros espelhados, num colorido vago, esse **eu** forma imagens, que se entrelaçam cambiantes. [...] Esse eu, assim exposto, é um eu dissolvido, sem idealidade, sem autoritarismo.

A execução de autorretratos como ferramenta de externalização de uma busca pela autocompreensão, gera um desconforto pessoal. Representar a própria imagem dentro do contexto de seu cerne individual é algo extremamente expositório. Este incômodo faz parte deste exercício que permite o reconhecimento do indivíduo como sujeito. Ao qual o indivíduo, que se caracteriza dentro de uma limitação social, se torna sujeito ao desprender-se desta esfera coletiva e evidenciar sua própria identidade (VERONESE; LACERDA, 2011). Desconsiderar o senso comum social para olhar para si utilizando autorretratos - onde não há uma mascaração do sujeito -, é um processo de tamanha exposição que potencializa o exercício de procurar conhecer e entender a si mesmo. Sendo assim, além do autorretrato ser um dispositivo no processo de olhar para si, ao ser finalizado, ele se transforma em um instrumento que reforça a autorreflexão se tornando assim um ciclo que parte de si e volta sempre para si mesmo, assim,

Exige um movimento de saída de mim, como toda pintura, mas impõe um retorno a mim, como todo retrato. Refaço na contemplação do autorretrato, na contramão, o movimento do pintor que sai de si para se fixar como outro e retornar a si. Não há mistério, não há mentira, há apenas corpo e olhar movendo-se em torno do princípio de todo movimento, o sujeito que habita o mundo (TEIXEIRA, 2005, p.127).

Desse modo, a existência do sujeito se retroalimenta ao se autocontemplar, em um movimento contínuo dentro de si, assim como nós estamos sempre nos modificando e construindo nosso eu. O autorretrato é uma

manifestação da existência, uma prova da consciência do ser e do esforço de compreender essa manifestação. É um tema com alto potencial de exploração, pois a existência - suas consequências e causas - são uma fonte inesgotável de reflexões.

## **II - EXPERIMENTAÇÃO EM SALA DE AULA**

A ideia da experimentação de se autorretratar em sala de aula parte destas observações sobre o sujeito e o processo do autorretrato como um mecanismo do olhar e da busca de si. Dessa forma, ao conjecturar uma proposta pedagógica que contemplasse o autorretrato em sala de aula, estaria pensando nas questões que envolvem o sujeito e sua condição de “ser” um aluno, um adolescente em formação e no espaço que estes possuem para expressar a sua identidade, ou seja, o contexto de uma sala de aula onde é promovido o ensino de artes visuais.

### **2.1 Apontamentos da formação do sujeito/aluno**

O aluno é um indivíduo inserido em um sistema ao qual está sob constante olhar de qualificação de terceiros a respeito de atividades e resultados, e constantemente sendo avaliado acerca de qualidades, inteligência e caráter (PERRENOUD, 1995, p. 16, apud CAMACHO, 2004). Ainda que muitos docentes adotem métodos à partir do conceito de uma educação transformadora - ao qual o docente assume o papel de pesquisador motivando a reflexão e a atitude crítica dos assuntos apresentados em aula, colocando o aluno como elemento ativo do conhecimento segundo cita Maria Ferreira (2001) -, é compreensível entender as dificuldades de aplicação deste método já que cada aluno possui suas particularidades, sua maneira individual de aprender e entender o mundo e o profissional docente possui limitações sociais e estruturais em seu trabalho.

Fazendo um recorte do aluno do Ensino Fundamental II (ao qual foi o segmento utilizado na realização da experimentação), podemos apontar os dilemas da formação de um sujeito que está entrando na adolescência. Um processo que Priscilla Bernardo (2011) cita como uma ebulição de ideias que se manifestam em conjunto com as transformações corporais, ou seja, “tudo isso se apossa do adolescente independente de sua vontade, necessitando do respaldo

familiar e social para a continuada formação de sua identidade” (BERNARDO, 2011, p. 13).

Este período onde o sujeito se separa da infância, porém ainda não é um adulto, é um período onde o adolescente manifesta suas questões internas e desenvolve sua independência, que, como Ana Carreira (2009, p.13) completa:

Este é um período em que se procura referências no mundo em seu redor e a maior parte dos jovens são fortemente influenciados pelo o que veem à sua volta [...] através do que veem estabelecem um conjunto de valores para si próprios que vai necessariamente condicionar todas as suas atitudes, comportamento e relacionamentos.

Durante toda a vida do ser humano ele está se conectando e coletando informações do meio que vive, mas nesta faixa etária específica é quando sua identidade está em processo de amadurecimento. O sujeito abandona a infância e parte para uma etapa transitória que possui maiores exigências da sociedade. A construção de sua identidade ocorre com essas mudanças internas e externas. Este processo da adolescência de intensa interação com a sociedade acontece em conjunto com a necessidade de autoafirmação do sujeito. É uma constante relação de conflitos e resistências “nos quais o sujeito procura conquistar a independência de uma identidade que possa representá-lo” (BERNARDO, 2011, p. 13).

Essa conquista da independência deve ser respaldada para que seja fortalecida, como cita Ana Carreira (2009, p.15), ao enfatizar que, “[...] para que o jovem sinta que a sua identidade tem sentido e unidade precisa que os adultos a reconheçam e aqui não só a família, como também a escola têm um papel determinante”. O papel dos adultos e da escola se encontra no incentivo do adolescente de estabelecer sua independência. E pensando sobre o papel da escola na vida do jovem acredito que encorajar o adolescente a pensar sobre si seja um bom caminho.

## 2.2 O caminho percorrido

Considerando o papel da escola na construção da identidade do aluno, foi inserido o exercício dos autorretratos e do olhar de si em uma aula de artes, com o intuito de exercer uma autoinvestigação e compreender suas questões internas para então expressá-las. Como Rauen e Momoli (2015, p. 53) citam em sua pesquisa: “na escola a prática de autorretratos como um procedimento pedagógico no ensino de arte pode contribuir para que o aluno aprimore a capacidade de observação e sensibilidade do olhar em relação a si próprio”.

Durante o período da pesquisa, estive em conjunto realizando a Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas na escola CEF Polivalente<sup>3</sup> ao qual pude, com mais facilidade, ter acesso a conduzir uma experiência em sala de aula. Em decorrência do estágio, a professora em questão me autorizou a ministrar esta aula em todas as turmas do 8º ano, para que ela pudesse uniformizar as atividades de todos os seus alunos. Considerei uma boa ideia, mesmo que não fosse de fato utilizar todos os trabalhos realizados para a pesquisa, seria uma boa oportunidade de prover aos alunos uma reflexão sobre o olhar de si.

Durante o processo, apresentei o conceito de autorretrato e suas implicações individuais, utilizando o exemplo de contexto de alguns artistas pontuais. Com o auxílio de imagens, foi possível construir subsídios visuais, não apenas com obras significativas do gênero do autorretrato, mas também a partir de diversas escolhas de materiais possíveis para a execução de cada trabalho. Após esta breve contextualização, foram disponibilizadas folhas de papel, revistas para recorte e colagem, lápis de cor e outros materiais cedidos pela própria escola.

Os alunos, em grande maioria, demonstraram pleno interesse pelo exercício. Em vários casos, alguns se demonstravam confusos em relação ao que fazer, não sabiam como realizar um trabalho que pudesse expressar sua

---

<sup>3</sup> Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas, realizado no semestre 2019/1, ministrada pela Professora Ana Paula Aparecida Caixeta



individualidade. Para estas questões, sugeri que buscassem imagens, dentro das revistas, de elementos que eles pudessem se apropriar. De todos os trabalhos realizados, aproximadamente 40% deles foram feitos com colagens, no restante foram utilizados desenhos com grafite e lápis de cor. Muitos buscaram a representação física de si mesmos, através de suas semelhanças fisiológicas, e utilizaram o papel como um espelho, apresentando um retrato clássico sem muitos elementos, outros utilizaram-se de uma composição de elementos simbólicos que mesclaram com sua imagem e uma minoria optou por não utilizar a representação de seus rostos ou qualquer outra forma corpórea e apenas uniram vários imagens/elementos aos quais se identificavam.

### **2.3 Trabalhos coletados**

Conforme apontado anteriormente, de todos os trabalhos realizados com as turmas do 8º ano, foram selecionados por mim, seis propostas que contemplam aspectos pontuais acerca da produção de autorretratos. Os alunos, com a devida autorização de seus pais, me cederam seus trabalhos para serem fotografados e incluídos na pesquisa, também cederam suas próprias palavras escritas para completar as imagens que produziram. Nesse momento, apresentarei os trabalhos acompanhados de fragmentos narrativos também produzidos pelos colaboradores. Cada proposta imagética apresenta exemplos de uma série de produções seguindo uma linha de autorrepresentação que os alunos escolheram seguir. Assim, cada aluno compreendeu o exercício de uma maneira específica, e houveram diversas singularidades em suas obras. Suas singularidades, porém, possuem algumas semelhanças entre si. Suas linhas de pensamento percorreram desde a forma tradicional de desenhos autorrepresentativos, até ao abandono completo do uso tradicional do autorretrato; e, conjuntamente, interpretações que se encontram no meio do caminho de ambas as linhas de interpretação.



Figura 9 – Sem título, Colagem sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm

*“O meu autorretrato é um rato com saia, porque foi a forma de eu me expressar a minha opinião sobre o que eu acho sobre a minha aparência e quis expressar isso de uma forma engraçada, mas eu não uso saia, só queria colocar uma roupinha.”* Isabela<sup>4</sup>, 13 anos.

---

<sup>4</sup> Os nomes de todos os alunos foram substituídos por nomes fictícios para preservar suas respectivas identidades.

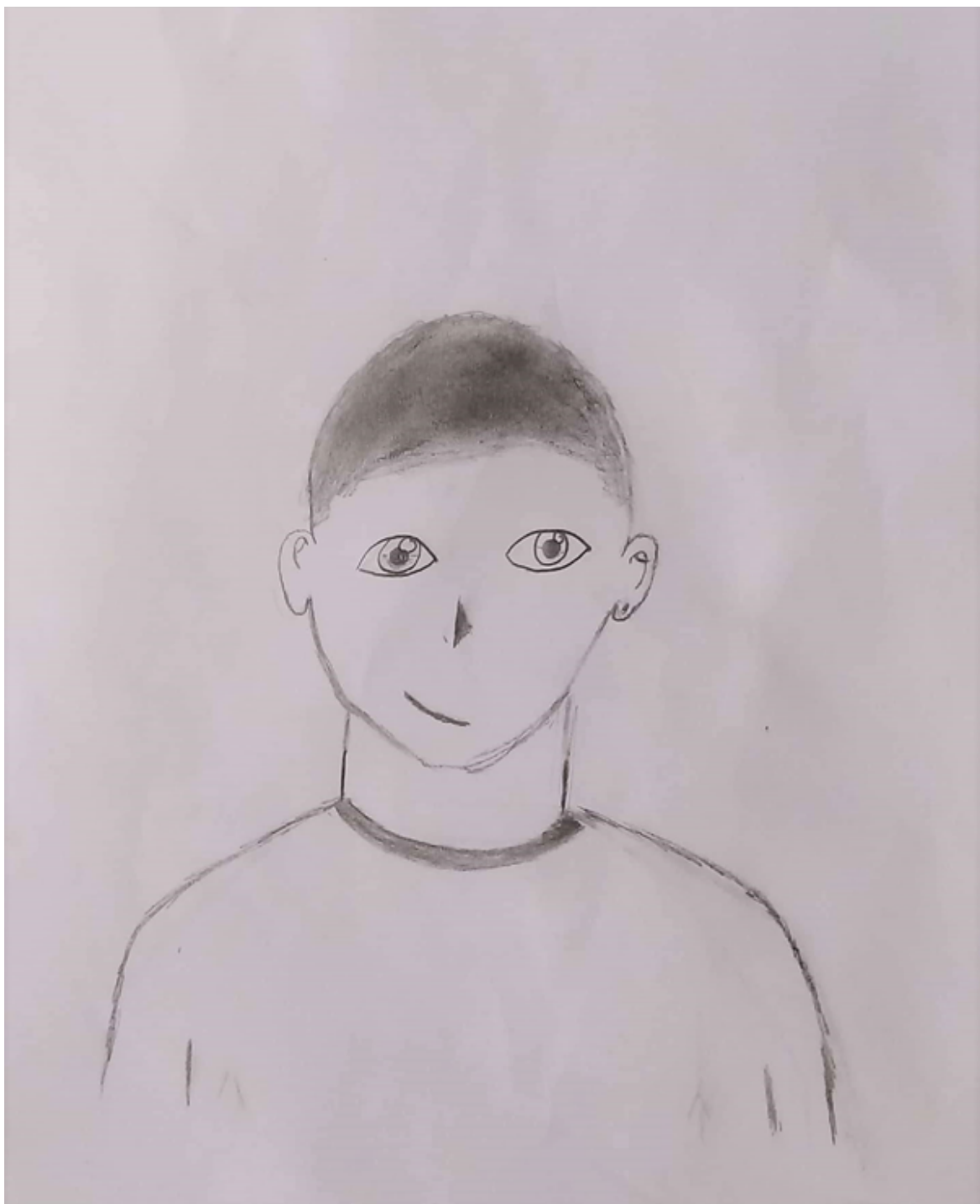


Figura 10 – Sem título, Grafite sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm

João optou por não apresentar narrativa sobre o seu desenho.



Figura 11– Sem título, Colagem sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm

*“Eu coloquei coisas que eu gosto, animais, viajar, fotografia e paisagens e me identifico.”* Camila, 13 anos.



Figura 12 – Sem título, Grafite e colagem sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm

*“Fiz tiara de gatinho com flores em colagem com bastante flores e uma linda língua de fora, mas realmente não sou florista, mas gostei muito da experiência.”* Laura, 13 anos.



Figura 13 – Sem título, Grafite e lápis de cor sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm

*“Eu decidi fazer esse desenho porque acho que combina comigo. Tem os meus traços, como a cor do olho e o formato da boca. Eu gosto muito de desenhar, não sei muito bem, mas gosto!” Verônica, 13 anos.*



Figura 14 – Sem título, Colagem e nanquim sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm

*“Bom, meu autorretrato eu fiz de uma maneira que me representasse. Meu cabelo, em sua maior parte, é de plantas, pois quis representar a natureza como um todo, envolvendo plantas e animais. E com meu cabelo, também coloquei um avião, pois adoro viajar. E por isso me identifico com ele.”* Amanda, 12 anos.

## 2.4 Reflexões sobre os resultados da experimentação

Ao refletir sobre os resultados das produções visuais dos alunos, pude observar em prática o quanto pensar sobre si às vezes pode ser um desafio. Muitos alunos que participaram da experiência, se demonstraram preocupados com o que fazer. Sofriam com um conflito de ideias ou com a falta delas. Este fenômeno de “não saber”, é algo que Waldomiro José da Silva Filho (2006) aborda sobre o desconhecimento de nossos estados mentais e pensamentos e as implicações do autoconhecimento. Como o processo de se identificar como sujeito é uma espécie de resistência, e como se desprender da visão de indivíduo requer esforço (VERONESE; LACERDA, 2011).

Grande parte dos alunos se preocupou em se representar fisicamente, pensando em sua própria imagem. Acredito que este fenômeno ocorre pela vontade de ser visto, assim, podemos observar este fenômeno sob a ótica de Vançan, que considerava o início de seu processo com autorretratos como um pretexto para sua sobrevivência, uma salvação da angústia do anonimato. “Para que isso se realizasse eu pensava que deveria representar minha fisionomia com o máximo de semelhança, para ser reconhecido em minha individualidade” (VANÇAN, 2003, p. 30). Ser reconhecido não apenas por si mesmo, mas pelo olhar dos outros, com o sentido de marcar presença. Esta é uma característica marcante no contexto da história da arte dentro do gênero de autorretrato que pode ser observada na experimentação em sala de aula, justamente por ser uma característica do ser humano, ou seja, uma necessidade de (re)conhecer-se.

Sobre os alunos que aceitaram expor seus trabalhos em minha pesquisa, João (Figura 10) e Verônica (Figura 13) são exemplos dessa soma de alunos que escolheram representar a si mesmos seguindo uma certa fidelidade física. Mas ainda é possível observar detalhes reveladores sobre si mesmos e seus desenhos. Como apresentado anteriormente, pudemos ver que Rembrandt e Van Gogh pintaram a si mesmo diversas vezes. Como foi apresentado anteriormente na figura 3, Rembrandt van Rijn se autorretrata de maneira contida, expondo em suas expressões traços de seu íntimo. Assim como, na figura 6, Vincent Van



Gogh denuncia suas perturbações em seu olhar, ainda que sua pintura seja um retrato com uma pose tradicional do gênero, os toques de sua personalidade são possíveis de serem observados.

Tanto João quanto Verônica exibem autorrepresentações contidas. Verônica escolhe enfatizar seus olhos com um leve tom azul e os traços que considera reconhecer em si mesma. João apresenta também um retrato em pose tradicional com um sorriso tímido e olhos brilhantes, além de escolher não falar sobre ele; denunciando essa introspecção observada no seu trabalho.

Os outros trabalhos coletados possuem maneiras alternativas de autorrepresentação a partir da colagem e associação de imagens. Alguns mesclando o desenho e a colagem, inserindo seus rostos com elementos diversos que pudessem complementar seu olhar de si mesmos. Laura (Figura 12) e Amanda (Figura 14) são exemplos desses trabalhos. Ambas desenharam a si mesmas e colaram imagens complementando seus desenhos, adicionando aos seus trabalhos elementos visuais que vão além do formato tradicional do retrato.

A escolha das plantas e elementos da natureza para complementar seus autorretratos me fizeram recordar dos autorretratos preenchidos de natureza de Frida Kahlo. A artista mexicana, uma grande referência no gênero dos autorretratos, utilizava várias figuras visuais para complementar a si mesma. Fazia referências a diversas situações e elementos de sua vida, pintando não apenas seu rosto, mas trazendo um contexto pessoal junto de suas obras.

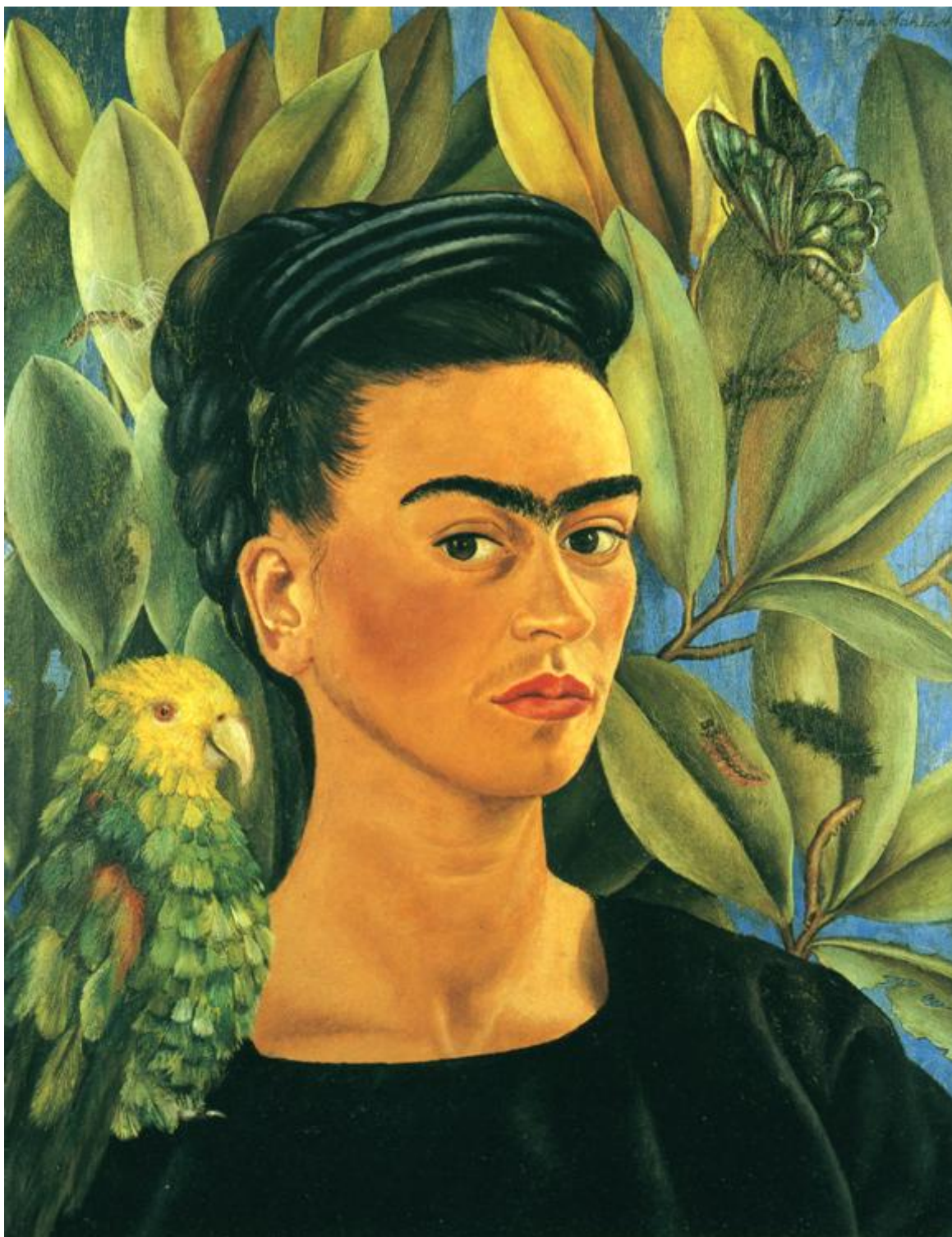


Figura 15 - Frida Kahlo, Autorretrato com Bonito, 1941, óleo sobre tela, 55 x 43,4 cm <Disponível em: <https://pt.wahooart.com/a55a04/w.nsf/O/BRUE-8CEFHL>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2022>

Na figura 15, observamos Frida com seu papagaio de estimação, cercada de plantas, verde e insetos. A artista era enfática ao representar os elementos de sua cultura mexicana, registrando sempre as cores em suas vestimentas, animais, frutas e plantas típicas de seu local de origem.

Laura e Amanda buscam uma aproximação pela natureza como forma de representar a si mesmas junto de referências visuais sobre coisas que gostam. Figuras que gostariam de inserir no contexto de seus autorretratos, indo além da representação dos seus rostos, mas também pensar sobre si por um olhar de identificação. Um olhar sobre si para abraçar suas individualidades e expressá-las.

Alguns alunos se desprenderam totalmente da ideia de representar uma figura humana que estivesse próxima de si mesmos fisicamente, e utilizaram da colagem para reunir imagens que o representassem sem expor seus rostos. Resolveram explorar melhor outras características que também fazem parte de seu eu e de sua individualidade.

Isabela (Figura 9) e Camila (Figura 11) efetuaram colagens sem inserirem autorretratos tradicionais em seus trabalhos. Isabela escolheu fazer uma colagem simples, mas categórica, onde ela escolhe ser representada por um animal e implementa uma vestimenta no mesmo. A escolha de se representar como um animal específico, levou meu pensamento a outro autorretrato de Frida Kahlo, O Veado Ferido de 1946 (Figura 16).



Figura 16 - Frida Kahlo, O Veado Ferido, 1946, óleo sobre masonita, 22,4 x 30 cm <Disponível em: <https://www.fridakahlo.org/the-wounded-deer.jsp>. Acesso em: 4 de março de 2022>

Neste autorretrato de Frida Kahlo, a artista utiliza a figura do animal para expressar um sentimento que se traduz em sua vivência. Na maneira como se sente e como se vê em determinada situação. Saindo da esfera da representação de um corpo propriamente humano e anatômico.

Isabela em seu depoimento diz ter representado a maneira que se sente sobre sua aparência, evocando o pensamento de como encarar a si mesmo é um processo que alguns acham extremamente desconfortável. Como citado anteriormente nesta pesquisa, Francis Bacon aponta o mesmo desconforto de autorretratar a si mesmo, o fazendo como última opção, pois não se sente confortável com o próprio rosto. A sensação de desconforto também faz parte do olhar de si, onde o sujeito ultrapassa a sensação para transformá-lo em algo que o represente e ajude a estabelecer esta relação consigo mesmo, a relação do voltar-se para si e refletir sobre si.

Camila (Figura 11), sendo uma dos poucos alunos que se desprenderam de qualquer representação única sobre si, apresenta uma gama de imagens

reunidas em seu trabalho, fazendo um apanhado de elementos com os quais se identifica. Sua composição apresenta animais diversos, plantas, insetos e paisagens de lugares diferentes.

A aluna se distancia do autorretrato tradicional e parte para uma autorrepresentação baseada em diversos elementos. Kalinka Serafim (2019, p. 9) em sua pesquisa de mestrado aponta que “o ato de se autorrepresentar refere-se à interpretação de si através de meios que assumam a identidade do artista, mesmo quando sua imagem não se encontra presente”. Vários artistas se autorrepresentaram sem inserirem suas imagens em suas obras. Grayson Perry, artista contemporâneo inglês, possui notoriedade em explorar elementos autobiográficos em suas obras e explorar várias facetas do “eu”.



Figura 17 - Grayson Perry, A Map Of Days, 2013, gravura a água forte, 109 x 151,5 cm  
<Disponível em: <https://www.royalacademy.org.uk/art-artists/work-of-art/a-map-of-days>. Acesso em: 23 de março de 2022>

Na figura 17, destacamos sua obra A Map Of Days, que apresenta um mapa de uma cidade murada que o artista realizou como uma forma de autorretrato. Segundo o artista, os muros da cidade seriam uma metáfora para a

pele que delimita nossos corpos, e assim como as paisagens de uma cidade a definem, o nosso “eu” se apresenta em conjunto. O artista acrescenta:

o "eu" eu acho que não é uma única coisa fixa, mas uma performance de mudança ao longo da vida. No centro há um espaço aberto; não há pérola, nem núcleo central; nossos "eus" são apenas camadas de experiência. Meu "senso de si mesmo" é um homenzinho chutando uma lata na estrada.<sup>5</sup>

“Ao se autorrepresentar, o autor traduz o que sente e o que vê; edita e seleciona perspectivas de si mesmo, criando uma interpretação não pictórica de sua personalidade” (SERAFIM, 2019, p. 10). Essa interpretação de si, excluindo a própria imagem da composição, permite ao artista explorar aspectos de si que vão além do seu corpo. O olhar de si supera sua superfície corpórea para encontrar facetas que são mais reveladoras que seu próprio rosto. O autorretrato e o olhar de si podem ser expandidos para espaços que vão além do que nossos corpos delimitam.

---

<sup>5</sup> Tradução livre feita a partir do depoimento do artista disponível em: <https://www.royalacademy.org.uk/art-artists/work-of-art/a-map-of-days>

### III - ATUALIZAÇÕES

#### 3.1 Isolamento, pandemia e autorretrato

Em março de 2020, fomos todos acometidos com o vírus da COVID-19, ao qual em função de seu alto contágio, nos enclausurou em uma custosa pandemia. A quarentena, que a priori estipulava ser de apenas algumas semanas, transformou-se em meses; e até a chegada da vacina - em março de 2021<sup>6</sup> -, foi estendida por um ano inteiro. Com o isolamento social foram necessários ajustes severos em todos os segmentos de nossas vidas, trabalho, educação, relações interpessoais. E com a falta de estímulos externos e uma vida social ativa nos encontramos voltados para nós mesmos. Dia após dia.

Em vista do panorama atual e a impossibilidade de refazer a pesquisa empírica<sup>7</sup> sob o contexto do isolamento obrigatório, as considerações desse terceiro capítulo partem da impossibilidade de ignorar como a pandemia e a quarentena impactam direta e indiretamente o olhar que temos sobre nós mesmos e na sua expressão artística. A visão de mundo que possuíamos foi reconfigurada, de uma maneira brusca e que deixará sequelas na história da humanidade.

Fernanda Pereira Medeiros, Lilian Aparecida Cruz Dugnani e Vera Lucia Trevisan de Souza (2021) em sua pesquisa comentam sobre como culturalmente estamos acostumados com a proximidade física. Estar próximo dos outros fisicamente e compartilhar experiências em grupo é algo bastante enraizado em nossa sociedade, o que conseqüentemente, contraria a ideia de estar sozinho e

---

<sup>6</sup> As primeiras vacinas contra a COVID-19 chegaram ao Brasil em março de 2021. Noticiado pela Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/21-3-2021-brasil-recebera-primeiras-vacinas-contracovid-19-por-meio-do-mecanismo-covax>

<sup>7</sup> O presente Trabalho de Conclusão de Curso visava refazer o exercício de autorretratos com os alunos do ensino médio sob a ótica da quarentena. Devido às adaptações da rede ensino com as aulas sendo ministradas à distância e a reforma do ensino médio, não foi possível retornar à sala de aula para refazer o exercício e recolher informações sobre a autorrepresentação de alunos em isolamento.

isolado das pessoas. O isolamento e a solidão, dessa forma, são sinais de desamparo e abandono. Os autores complementam:

Se por um lado, o isolamento social nos arremessou, sem que pudéssemos escolher, na cotidianidade da vida restrita aos nossos lares, portanto, juntos das pessoas mais próximas, dialeticamente, nos afastou dos momentos vivenciados como respiro, e também de acesso ao humano genérico enquanto produção cultural resultante do trabalho humano, matéria de nossas mais elevadas reflexões (MEDEIROS; DUGNANI; SOUZA, 2021, p. 6).

As distrações exteriores foram abolidas. O mundo passou a ser menor, nossos espaços percorridos se concentram nos metros quadrados de nossos lares. Os momentos de respiro que tínhamos de nós mesmos se esvaíram. Grazielle Portella (2020), entretanto, fala sobre as vantagens que podemos obter desse período de isolamento. Em sua pesquisa, comenta sobre como essas distrações desviam o foco de contemplar a nós mesmos; em períodos de isolamento social, contemplar a si mesmo pode ser o necessário para superar as dificuldades. Portella cita Clarissa Estrés para embasar seu pensamento.

embora não seja algo desejado ou divertido, provém do isolamento um ganho inesperado. Ele elimina a fraqueza com os golpes. Ele erradica as lamentações, proporciona um insight penetrante, aguça a intuição, assegura o poder incisivo de observação e de visão de perspectiva jamais alcançadas (ESTRÉS, 1997, apud PORTELA, 2020, p. 128).

Ainda que o isolamento seja visto por Grazielle Portella de maneira otimista e que auxilie nas questões pessoais do sujeito, não é possível ignorar as mazelas dos danos causados pela COVID-19. Até o presente momento, são mais de 660 mil mortos pela COVID-19 no Brasil desde o início da pandemia em março de 2020.<sup>8</sup> Lidar com tantas perdas, tanto de entes queridos como de um estilo de vida que costumávamos levar, é confuso e perturbador; e enfrentar isso em isolamento social sem o contato de amigos e família, potencializa esse desgaste emocional. Ao ponto de que o olhar de si e o uso do autorretrato e da autorrepresentação para encarar essas inquietações deixa de ser somente um exercício de construção de identidade para ser um exercício da sobrevivência do “eu”.

---

<sup>8</sup> Dados retirados da reportagem do jornal de notícias G1 disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/04/02/brasil-tem-127-mortes-por-covid-em-24-horas-media-movel-cai-para-197.ghtml>



Frida Kahlo começou a pintar em função de um isolamento que lhe foi imposto por causa de uma fatalidade. Ao sofrer um grave acidente de trânsito, ficou confinada em uma cama sem conseguir se mexer. Nesse período, onde estava presa dentro de si mesma, ela começou a pintar. Utilizava um espelho acima de sua cama para fazer seus autorretratos, sem poder sair ou se mover em um estado de isolamento social. Utilizou da arte para libertar seu eu que se mantinha preso em uma cama, trabalhando suas questões internas através do exercício do olhar de si.

Como comentado anteriormente, Francis Bacon realizou seus autorretratos, mas não gostava de explorar o subgênero. No início dos anos 70, Bacon passa por uma série de perdas. Em um curto intervalo de tempo, perde sua mãe e dois amigos próximos, uma para o suicídio e outro para o câncer (MAUBERT, 2010). Nesse período há uma intensa produção de autorretratos. O artista volta-se para si em meio a tristeza e ao luto. O autorretrato foi algo lhe imposto pela solidão. Este período onde se encontra isolado, voltado para si mesmo, ainda que não seja motivado por uma pandemia, também constitui o isolamento social que leva o sujeito a buscar em si mesmo uma elucidação.

Outro artista que criou uma série de autorretratos em detrimento de seu isolamento do mundo exterior foi Edvard Munch. Munch, assim como Bacon, foi assolado com diversas perdas em sua vida. Era um homem solitário, de poucos amigos e sua família foi aos poucos sendo acometida por doenças e falecendo. Além de o mesmo ter passado por uma pandemia, da qual conseguiu sobreviver<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> A gripe espanhola foi uma pandemia global que ocorreu entre 1918 e 1919. Considerada uma das pandemias mais mortais da humanidade, deixando aproximadamente 50 milhões de mortos.



Figura 18 - Edvard Munch, Autorretrato após a gripe espanhola, 1919, óleo sobre tela, 150,5 x 131 cm <Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/edvard-munch/self-portrait-after-spanish-influenza-1919>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022>

Na figura 18, Munch encontra-se isolado em seu quarto, se recuperando da gripe espanhola, exibindo suas feições magras e pálidas. Esta pintura, apresentando os fantasmas de uma doença e o isolamento do artista, conecta-se com a situação atual da COVID-19 de uma maneira intimista, mas ao mesmo tempo que pode ser sentida por todos que passaram pelo mesmo.

Outro artista que também retratou seu momento em meio a pandemia da gripe espanhola foi Egon Schiele. Como já citado anteriormente, o artista famoso

por seus autorretratos, possuía o hábito de se autorrepresentar com destemor, desdobrando e explorando seu “eu” habilmente.



Figura 19 - Egon Schiele, A família, 1918, óleo sobre tela, 152 x 162.5 cm <Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/egon-schiele/the-family-1918>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2022>

Na figura 19, Schiele pinta a si mesmo, com sua esposa Edith e uma criança que representaria seu filho. Essa pintura, feita durante a pandemia da gripe espanhola, representava o desejo de Schiele de ter uma família. O exercício de seu olhar e sua busca de si mesmo, em meio a um cenário de inúmeras mortes, era para representar a criança que esperava que viesse. Como se fosse um triste presságio, o artista não consegue sobreviver à gripe espanhola. Schiele faleceu aos 28 anos, três dias após sua esposa que estava grávida de 6 meses (RIBEIRO, 2016).

Como citamos no início deste trabalho, o autorretrato une a visão do artista sobre si e o lugar onde está inserido. Quando este lugar muda drasticamente, nossa percepção de nós mesmos também se altera. Com a pandemia instaurada por causa da COVID-19, e as severas condições de isolamento, nossa percepção de nós mesmos se confunde, somos obrigados a nos adaptar e essa ruptura do cotidiano, o que nos faz encontrar lugares dentro de nós que não estávamos acostumados a visitar.

Diante de tal conjuntura pude perceber através de meu próprio trabalho, como o olhar de si pode servir para esta sobrevivência do “eu”. Apesar da prática de se autorretratar ser uma constante em meus trabalhos, a quarentena os direcionou para uma abordagem mais crua, ou seja, se desprendendo do tradicional do autorretrato, concentrado em representar meu rosto de uma maneira contemplativa através de olhares em direção ao meu eu e assumindo o formato do eu com suas imperfeições, adotando representações que se distanciam do retrato de rosto, expondo meu corpo e como ele se desdobra sobre diferentes sensações e sentimentos.



Figura 20 - Yandra Suyane, Autorretrato com máscara, 2019, técnica mista sobre papel, 85 x 69 cm, acervo pessoal

Como é possível perceber na figura 20, meus autorretratos feitos durante a pré-pandemia eram literais e sóbrios. Ainda que impulsionados pela solidão, são o que parecem ser: autocontemplações. Havia em meu repertório uma pulsão em compreender a mim mesma e compreender meu “eu”. Os vários autorretratos que

produzi não se desdobravam para espaços além do meu rosto, se sustentavam nos olhares e se projetavam como espelhos para que eu pudesse observar a mim de diversos ângulos. Criando um desconforto que me fazia pensar nas questões íntimas do meu eu como sujeito.

Após o início da quarentena e todos os acontecimentos trágicos, nossos rostos viraram nossa fraqueza. Começamos a usar máscaras de proteção para sair na rua em função de conter o contágio do vírus; estar com o rosto coberto era estar consciente do mundo ao seu redor e consciente dos males da COVID-19. Estar com o rosto descoberto se tornou sinal de abandono, exposição, risco à saúde pública. Nossos rostos estavam reservados apenas para nossa intimidade; dentro de casa, sem ninguém por perto.



Figura 21 - Yandra Suyane, Social 4/4, 2021, guache sobre papel, 21 x 15 cm, acervo pessoal

Minha noção de se ter um corpo que ocupa um espaço começou a desenvolver-se durante esse período. Meu “eu” agora estava se desprendendo de um ponto fixo no espelho; eu estava deixando de encarar a mim mesma para encarar como o espaço se refletia em mim. A quarentena agora não me prendia

apenas dentro de casa, mas me prendia em uma situação que fugia ao meu controle.

Na figura 21, apresento um autorretrato que busca expressar corporalmente um contexto. Não apenas estou inserida nesse contexto, como também estou fundida nele. Terezinha Petrucia da Nóbrega (2008), em sua pesquisa sobre o corpo, considerando o aporte teóricos de Merleau Ponty, discursa a ideia do filósofo sobre como a percepção não se forma apenas em mente, mas também se conecta com o corpo. Pois

Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais (NÓBREGA, 2008, p. 142).

Antes eu enxergava o ato de se autorretratar como uma maneira de lidar com o “eu”, de contemplá-lo e abraçar seu desconforto e sua estranheza. Minhas indagações internas se apresentavam como o formato tradicional do retrato, pois, assim como eu me encontrava em processo de amadurecimento da ideia de autorretrato, eu também estava em processo de entender a mim mesma. Após a pandemia, o ato de me autorretratar agora se concentrava em questões que iam além de mim. O mundo se encontrava assolado por uma doença que era altamente contagiosa, todos os continentes foram obrigados a se adaptar e enfrentar uma situação como essa parecia além das minhas capacidades.

A minha rotina havia se modificado por completo, a maneira de trabalhar e estudar também se modificaram. Confinada dentro de casa me via à mercê de um corpo que se movia pouco dentro de um espaço limitado. A imobilidade parecia sufocante e utilizar meu corpo para refletir o caos exterior que partia de questões internas e ia além das paredes do meu apartamento se tornaram a base dos meus autorretratos. Esmiuçar a representação das angústias de uma forma corpórea se tornaram minha maneira de sobreviver. Meus autorretratos agora exibem um eu que está refletindo o que me cerca: minha casa, meu país, o mundo, os conflitos internos e externos, as perdas de pessoas e a perda de conforto. O espaço que eu me encontro agora faz parte de mim.

### 3.2 Visões futuras

Com a reorganização da sociedade para resistir a uma pandemia, a quarentena fechou as escolas e os alunos tiveram que utilizar meios virtuais para continuar seus estudos. Estar isolado socialmente em um estágio da vida que o jovem se insere em grupos, explora sua independência e desenvolve sua identidade deve ser desanimador e impactante. Trazer o exercício do autorretrato e do olhar de si para esses jovens pode vir a ser um caminho para auxiliá-los em seu processo de desenvolvimento durante o isolamento. Fornecer um respiro para esses jovens da situação atual e permitir que expressassem suas inquietações, frustrações e interesses é um papel que a arte poderia desempenhar com maestria. Citando Medeiros, Dugnani e Souza (2021, p. 14): “[...] Embora tenhamos em comum a necessidade de distanciamento ou isolamento social, ela não é vivida do mesmo modo por todos, visto depender das condições materiais de existência de cada um”. Assim, o autorretrato nos permite expressar essas individualidades da existência, onde cada um possui suas próprias questões internas, nuances e contradições. A arte nos permite sintetizar nossos conflitos pessoais sem anulá-los.



## Considerações finais

Através desta pesquisa, pude perceber com mais afinco o quanto o ser humano é complexo em sua gênese e como a prática artística é um elemento que expõe essa complexidade. Nós mesmos não somos capazes de compreender totalmente estes enigmas que constituem o outro, e nos perdemos ainda mais quando tentamos entender os nossos próprios enigmas. Contudo, como seres humanos que sempre buscam a razão pelas quais as coisas ocorrem, realizamos esse processo contínuo de tentar compreender o outro e a nós mesmos.

O autorretrato é apenas um dos vários métodos existentes que procuram capturar os elementos do eu e o olhar de si. Mas como um instrumento por si só, abraça questões do sujeito de maneira única, como a representação da própria imagem, suas relações com a autocontemplação, com o desconforto e o desejo de ser visto, seja por si mesmo ou pelos outros. É, portanto, um gênero completo. As implicações atribuídas por quem se utiliza dele, através da história é possível analisá-lo em sua completude. É um recorte do sujeito intrinsecamente íntimo e desinibido.

Por possuir um tremendo potencial de pesquisa sobre si, o autorretrato pode ser usado como um dispositivo em sala de aula, para fornecer aos alunos a oportunidade para que pensem em si mesmos de maneira consciente, que busquem o olhar de si para além da própria imagem e se reconheçam como sujeitos. O exercício de conhecer a si mesmo deve ser valorizado na educação tanto quanto os conhecimentos externos. O espaço escolar serve para que o jovem se desenvolva em diversos âmbitos de sua vida, sobretudo, quando consideramos o desenvolvimento da identidade através de criações imagéticas, apresentando reflexões sobre o “eu” potencializando este processo constante de construir a si mesmo.

Gerenciar os conflitos internos nos auxilia a passar por momentos difíceis. Os momentos difíceis de estar no meio de uma pandemia mundial, que nos isola em nossas casas, trazem questões sobre a autorrepresentação que se desenvolvem com mais seriedade. Ao falar de nós mesmos, falamos também

sobre o outro, falamos do cenário que estamos, falamos das marcas que a história deixa em nós e que nós deixamos na história.

## Referências

BENEVIDES, Ligia Maria Rocha e. *Autorretrato*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte) —Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/17311>. Acesso em: 17 mai. 2019.

BERNARDO, Priscilla Cupello. *O autorretrato fotomontado: a construção da identidade: do autorretrato à fotomontagem*. 2011. 60 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Plásticas) —Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/3695?mode=full>. Acesso em: 30 abr. 2019.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. O artista e seu meio social: considerações acerca da pintura auto-retrato com cigarro de Edvard Munch. *Encontro de História da Arte*, Campinas, SP, n. 4, p. 88–92, 2008. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3786>. Acesso em: 12 mar. 2022.

CAMACHO, Luiza Mitiko Y. *A invisibilidade da juventude escolar*, Perspectiva, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 325-343, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9647>. Acesso em 18 mai. 2019.

CARREIRA, Ana Alexandra P. *Imagens de auto-representação de adolescentes*. Dissertação de mestrado em Estudos da Criança (área de especialização em Comunicação Visual e Expressão Plástica) - Universidade do Minho, Braga, 2009 Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10696>. Acesso em 25 abr. 2019.

FABRIS, Annateresa. Diálogos entre imagens: fotografia e pintura na pop art britânica (III). *PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais*, v. 16, n. 27, p. 99-114, 2011 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/18191>. Acesso em: 20 mar. 2022.

FERREIRA, Maria A. G. *Aluno domesticado vs. aluno reflexivo - A visão do licenciando sobre o papel do aluno em sua fratura prática pedagógica*, Linguagem & Ensino, Vol. 4, No. 2, p. 107-112, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15541>. Acesso em: 15 mai. 2019.

FREUD, Sigmund [1919]. *O Estranho*. In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918). Rio de Janeiro: Imago, v. XVII, 2006.

DA SILVA FILHO, Waldomiro. J. *O AUTOCONHECIMENTO, O NARRADOR ONISCIENTE, A VIDA COMUM*. *Philosophos - Revista de Filosofia*, v. 11, n. 2, p. 287-303, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/4723>. Acesso em: 18 mai. 2019.

MAUBERT, Franck. *Conversas com Francis Bacon: o cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed. 2010;

MEDEIROS, Fernanda P., DUGNANI, Lilian A. C., SOUZA, Vera Lucia T. A potência da dimensão humana da arte no enfrentamento do isolamento social: contribuições da psicologia histórico-cultural, *Revista Brasileira da Pesquisa sócio-Histórico-Cultura e da Atividade*, v.3, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistashc.org/index.php/shc/article/view/83>. Acesso em: 22 fev. 2022.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty*, *Estudos de Psicologia*, UFRN, p.141-148, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/4WhJkzJ77wqK6XCvHFwsqSD/?lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2022.

SOSA, Odile Léon. El archivo personal de artista Gustav Klimt: una aproximación a las tipologías documentales, *Cartas diferentes*, *Revista canaria de patrimonio documental*, n. 13, p. 179-197, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6468230.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

PESSOA, Helena G. dos Reis. *Auto - Retrato - o espelho, as coisas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-03062009-120522/pt-br.php>. Acesso em: 27 jun. 2019.

PINHEIRO, Francisco Teixeira. *Identidades*. 2014. 35 f., il. Monografia (Bacharelado em Artes Plásticas) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/10589/1/2014\\_FranciscoTeixeiraPinheiro.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/10589/1/2014_FranciscoTeixeiraPinheiro.pdf). Acesso em: 26 mar. 2019.

PORTELLA, Grazielle Bruscatto. *O desenho em isolamento como contemplação da alma*, *Colóquio Expressão Múltipla IV: teoria e prática do desenho: atas das conferências*. Lisboa, PT, p.124-136, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/48698>. Acesso em: 26 jan. 2022.

RAUEN, Roselene M., MOMOLI, Daniel B. *Imagens de si: O autorretrato como prática de construção da identidade*, *Revista Educação, Arte e Inclusão*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 51-73, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157>. Acesso em: 27 fev. 2022.

RIBEIRO, Melania Alexandra P. *Identidade e expressão na obra gráfica de Egon Schiele*, Tese de mestrado, *Desenho*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33841>. Acesso em: 16 fev. 2022.

SERAFIM, Kalinka. *Autorretrato e autorrepresentação: variações sobre um tema*, Dissertação de Mestrado em Desenho, Universidade de Lisboa, Faculdade de

Belas Artes, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/41596>. Acesso em: 29 mar. 2022.

SYLVESTER, David. *Interviews with Francis Bacon*, Thames and Hudson Inc., 1987.

TEIXEIRA, Lucia. *Sou, então, pintura: em torno de auto-retratos de Iberê Camargo*; Alea: Estudos Neolatinos, Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, v. 7, n. 1, p.123-128, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/i/2005.v7n1/> Acesso em: 24 mar. 2022.

VANÇAN, Gilberto. *Auto-retrato: eu não eu*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP, 2003;

VERONESE, Marília V.; LACERDA, Luiz. F. B. *O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Touraine*, Sociedade e Cultura, v. 14, n. 2, p. 419-426, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/1117> Acesso em: 29 mai. 2019.